



NOVA SILVA – revista ilustrada, publicou-se no **Porto**, entre 2 de Fevereiro (n.º 1) e 10 de Abril de 1907 (n.º 5). A periodicidade, quinzenal, não impediu que tivesse uma duração muito efémera. Só a partir do terceiro número, de 5 de Março, ficamos a conhecer *formalmente* os directores da *Nova Silva*: **Leonardo Coimbra** (1883-1936), **Jaime Cortesão** (1884-1960) e **Álvaro Pinto** (1889-1957)¹. O editor era **Carlos Gonçalves**. Ficamos ainda a saber que a redacção e administração da revista estava situada numa das principais artérias da cidade, a Rua de Santa Catarina, 438, que a “grafia”, leia-se impressão, era assegurada pela Imprensa Civilização, na Rua de Passos Manuel, 215, e os desenhos pela Oficina de Gravura Cristiano & Nunes.

No que toca ao preço, cada número da *Nova Silva*, avulso, custava 30 réis, enquanto uma série, de 8, ficava em 300 réis; por página, um anúncio *disparava* para os 2000 réis, por “fracções” (por exemplo, meia página) era pago “proporcionalmente”. As reclamações deveriam ser acompanhadas do número de assinatura e enviadas para a redacção da revista. Esta aceitava “toda a colaboração inédita”, reservando-se naturalmente “o direito de a inserir ou não, conforme o julgarmos”. Este era um dos expedientes recorrentes neste tipo de publicações, não só para as valorizar, com novos conteúdos (textos ou desenhos), mas também para fidelizar potenciais leitores.

CONTEXTO HISTÓRICO

Quando a *Nova Silva* surgiu, a 2 de Fevereiro de 1907, João Franco era presidente do Governo, fruto duma “Coligação Liberal” entre franquistas e progressistas. Foi um período importante, pois segundo Rui Ramos estava-se a fazer uma “revolução dentro da monarquia constitucional”². A ideia era, por oposição ao passado do rotativismo, implementar um regime constitucional a sério, governando no Parlamento, à inglesa. A legislação franquista vai por isso alvejar as aspirações e necessidades que as ideias liberais atribuíam às classes médias e trabalhadores urbanos. No domínio social, por exemplo, instituiu um fundo nacional de pensões para os trabalhadores. Franco procurou também ter uma *nova* relação com o rei, mais transparente e correcta, e, como

¹ Daniel Pires acrescenta um quarto director, Cláudio Basto (1886-1945), referindo inclusivamente que a partir do n.º 3 este deixa de pertencer à direcção da *Nova Silva*. Ver, do autor, ***Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do Século XX (1900-1940)***, Lisboa, Grifo Editores e Livreiros, Lda, 1996, pp. 257-258. Alfredo Ribeiro dos Santos confirma a presença de Cláudio Basto na direcção da revista, mas já nos diz que este a teria abandonado a partir do segundo número. Ver, do autor, “Da *Nova Silva* à *Águia*”, in ***A Renascença Portuguesa. Um Movimento Cultural Portuense***, Porto, Fundação Eng. António de Almeida, 1990, p. 58. Para saber mais sobre Álvaro Pinto, ver, na Hemeroteca Digital, na secção dedicada aos “Estudos & Investigações”, na rubrica “Biografias de jornalistas, escritores e caricaturistas”, a biografia que Rita Correia lhe dedicou, com destaque para a sua colaboração na imprensa literária da época.

² ***João Franco e o Fracasso do Reformismo Liberal (1884-1908)***, Lisboa, Instituto de Ciências Sórias, 2001, p. 144.

contrapartida, D. Carlos deu a Franco os meios de governo de que este necessitava. A oposição, com o seu terreno político ameaçado, acusava Franco de estar a “corromper o povo”.

Sem surpresa, a *Nova Silva* alinhou com o antifranquismo, posicionamento que é sobretudo detectável quando rebentou a **crise académica de 1907**, pouco depois da publicação do número 2 da revista, a 17 de Fevereiro. Entre os expulsos da Universidade de Coimbra, por um e dois anos, encontrava-se Cláudio Basto, um dos directores e colaboradores da *Nova Silva*. A revista, como publicação de estudantes, vai intervir naturalmente na greve académica de Coimbra, que se estendeu a outras escolas superiores e secundárias, em Lisboa e no Porto. Álvaro Pinto e Januário Leite foram os mais inconformados, levantando o brado de adesão. O que estava em causa era o ensino na Universidade, nomeadamente na Faculdade de Direito. Portanto, mais do que uma questão política, era a vontade de mudança que animava os jovens. Mas quando a polícia teve de conter os estudantes, já então manipulados pela oposição (republicana, sobretudo), “foi fácil pôr a Franco a carapuça do tirano da juventude generosa”³.

No fim de tudo isto, uma das respostas ensaiadas por Franco foi um **maior controlo sobre a imprensa**, exercido através da Lei de 11 de Abril de 1907, considerada pelo monárquico Júlio de Vilhena, como um “ignóbil ferrolho para manietar vilmente a liberdade de pensamento”⁴. Publicada um dia depois do último número da *Nova Silva*, de 10 de Abril, desconhecemos se houve alguma relação entre esta lei e o desaparecimento da revista. Este novo quadro legal foi completado com o Decreto de 20 de Junho de 1907, que proibia a circulação ou publicidade a escritos “atentatórios da ordem ou segurança pública”, estabelecia a autorização prévia para todos os periódicos, e entregava a imprensa ao arbítrio dos governadores civis.

ESTRUTURA GRÁFICA E PAGINAÇÃO

Cada número da *Nova Silva* reunia 16 páginas, o que foi sempre cumprido nos 5 números que saíram. No miolo prevaleciam os textos a duas colunas, interrompidas nas duas primeiras edições por desenhos e caricaturas, nas páginas 8 e 9; a partir do terceiro número abandonou-se esta solução gráfica, e os desenhos aparecem distribuídos aleatoriamente nas páginas de cada edição. As capas apresentaram-se sempre com ilustrações, das mais importantes que a revista deu à estampa; exceptuando o n.º 4, de 24 de Março, todos os restantes números fecharam a última página igualmente com desenhos ou caricaturas. A imagem era uma componente importante da *Nova Silva* (reiterada no subtítulo da revista), e visava sob diversos géneros (ilustração, caricatura, *cartoon*), dar eficácia às ideias políticas nela defendidas. Foi alimentada por alguns dos artistas plásticos mais relevantes da época, como iremos ver no capítulo dedicado à colaboração.

³ RAMOS, Rui, *Op. Cit.*, p. 144.

⁴ Estas violentas palavras haviam sido publicadas no jornal *O Popular* de Outubro desse ano. Cit. por TENGARRINHA, José - *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, 2.ª ed. revista e aumentada, Lisboa, Editorial Caminho, 1989, p. 256, nota 1.

A *Nova Silva* não tinha uma estrutura gráfica fixa; pelo contrário, predominava uma arrumação muito heterogénea, com poucas secções regulares. Destas, destacamos “**Vulgarização Doutrinária**”, destinada à publicitação de textos de autores importantes, na linha *política* da revista, acompanhados dos respectivos retratos – frequentemente complementados por muitas citações breves de vários autores, com destaque para Tolstoi; “**Bibliografia**”, onde Leonardo Coimbra, Álvaro Pinto, Jaime Cortesão e Januário Leite *despachavam* a crítica literária; e “**Vária**”, da maior utilidade para ficarmos a par da recepção da *Nova Silva* junto da imprensa contemporânea, das polémicas que travou com outros periódicos, do aparecimento de outros títulos, ou mesmo da realização de eventos que mereceram a sua atenção, como foi o caso da organização dum Liga Pacifista Portuguesa ou dum Congresso Contra a Tuberculose.

Além destas secções mais literárias, existiam secções exclusivamente *plásticas*, como “**Instantâneos**”, “**Tipo dos Cafés**” e “**Tipo das Ruas**”, com caricaturas de **Virgílio Ferreira**. Iguamente úteis são os sumários que começaram a sair a partir do número 3, sobretudo para identificar os autores das ilustrações, desenhos ou caricaturas, para quem não está familiarizado com as suas assinaturas ou rubricas.

Quanto ao impacto do surgimento da *revista ilustrada* não resistimos a reproduzir o comentário de resposta à perplexidade que o nome *Nova Silva* teria causado:

“O nome da revista irritou os cérebros de fenda simiana, profundamente marcada.

- *Silva*?! Uma revista apelidada *Silva*?!

E uns inquiriam se a revista era de botânica e outros estavam fiados em que ela se chamava *Silva* como podia chamar-se *Magalhães*, *Costa*, *Marques* ou *Freitas*. Houve quem nos dissesse devotos de S. Silvestre a par de outros que nos incorporavam na irmandade de Nossa Senhora da *Silva*. Ignorância supina!

Os que se chegavam a nós dardejavam-nos quatro descomposturas e aqueles a quem tínhamos a caritativa pachorra de explicar o motivo do título, riam-se incrédula e desdenhosamente.

E ¿ quien podrá desengañar la ignorancia y la insolencia?
disse, com acerto, Lope de Veja.

Pois eles não haviam de saber todas as significações da palavra *Silva*! É raro um português não parolar de tudo.

E em vez de encolhidamente farejarem um dicionáriozinho saíam as ratas sábias, prenhes de filúcia, a chasquear da *Silva*.

Mal íamos se fossemos citar, a esses petulantes, passos de autores clássicos para justificar o nome que escolhemos para a revista.

Eles apenas lêem os cartazes das esquinas e as folhinhas dos calendários. Não queremos apontar-lhes também o que dizem os dicionários de Fr. Domingos Vieira, Morais, Aulete, Cândido de Figueiredo e até o de João de Deus. É comida demasiado fina.

Mas não podemos furtar-nos a indicar-lhes dois *dicionários do Povo* que (sem reclamo) apenas custam uns 3 tostões, cada um.

O n.º 3 desses *dicionários do Povo* é o *dicionário da língua portuguesa*; diz ele: **Silva**... *miscelânea literária*. Já dá ideia. O *dicionário português-francês* da mesma colecção diz:

Silva... *Collection de traités sur divers sujets* (cautela: *sujets* quer dizer *assuntos*).

Ora aí estão dois modestos dicionáriozinhos que dão a entender o que será *Nova Silva*!

Se em vez de *Silva* – fosse, por exemplo, *Magazine* todos fingiam perceber...”⁵.

PROGRAMA POLÍTICO E PÚBLICO-ALVO

Daniel Pires, no seu importante *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do Século XX (1900-1940)*, no verbete que dedica à *Nova Silva*, defende que a publicação reflectia “influências de carácter libertário, publicando textos de doutrinadores anarquistas”, manifestando-se “ostensivamente contra o militarismo (...)”. Acrescenta ainda que “incide particularmente a sua atenção na divulgação dos princípios da «Escola Livre», com um ensino integral e abrangente. Pugna pela revolução, pelo fim da exclusão social, de que o poema «A Canalha» de Gomes Leal é paradigma”⁶. Mas julgamos que podemos aprofundar um pouco mais o programa político desta revista e o propósito da sua criação em 1907.

Desde logo, importa esclarecer que o libertarismo ou libertarianismo da *Nova Silva* não se filia no liberalismo clássico, muito menos no anarcocapitalismo ou no minarquismo. Trata-se, antes, dum **libertarismo anarquista**, assente na oposição a qualquer tipo de ordem hierárquica *que não seja livremente aceite*; daí advogar a eliminação total de todas as formas de governo compulsório. Aliás, este libertarismo anarquista é logo detectável na nota de abertura da *Nova Silva*, que pretende funcionar como uma espécie de editorial ou programa *político* da revista:

“LIBERTAS

Sem servilismos de programas, de escolas, de dogmas – absolutamente livres de preconceitos – obedeceremos tão-somente aos impulsos da razão incoercível e indomada.

Libertas!

Na luta das paixões, que convulsionam a Humanidade, será essa palavra fecunda o estímulo da nossa actividade, a directriz do nosso esforço.

Libertas!

Sim, liberdade e com ela, o supremo Bem, a suprema Justiça.”⁷

⁵ *Nova Silva*, N.º 1 (2 Fev. 1907), p. 14.

⁶ *Op. Cit.*, p. 257.

⁷ *Nova Silva*, N.º 1 (2 Fev. 1907), p. 12.

Duma assentada, temos aqui os três pressupostos estruturantes do anarquismo: **a exaltação do indivíduo, a defesa intransigente da liberdade e a quase divinização da justiça**, o “supremo Bem”, na esteira do espírito doutrinário de Proudhon.

Dentro deste anarquismo da *Nova Silva* é possível vislumbrar ainda, embora todas vinculadas pelos seus ideais-base, **diferentes declinações ou variantes anarquistas**. Atente-se nos “textos de doutrinadores anarquistas” referidos por Daniel Pires, que julgamos tratar-se dos 5 textos publicados na secção “Vulgarização Doutrinária”, de Heliodoro Salgado (1861-1906), Sebastien Faure (1858-1942), Piotr Kropotkine (1842-1921), Antero de Quental (1842-1891) e Victor Hugo (1802-1885). Enquanto Heliodoro Salgado, por exemplo, remete, em “Catecismo Liberal”, para um **anarquismo individualista**, alicerçado no “respeito absoluto da dignidade individual, pelo reconhecimento da integral individualidade moral, intelectual e física de todos e de cada um”⁸, do ponto de vista político, já Kropotkine (escritor russo, um dos principais pensadores políticos do anarquismo, fundador da vertente anarco-comunista), em “Palavras de um rebelde”, advoga um **anarquismo colectivista**, ao defender a “revolução social” contra “as infâmias e todos os privilégios”⁹.

Acrescentaria, portanto, que, mais do que reflectir “influências de carácter libertário”, a *Nova Silva* assume-se plenamente como uma **revista de doutrinação libertária**. Tal programa pode ainda ser corroborado nos principais textos teóricos então publicados: “O homem livre e o homem legal”, e “O despotismo na família”, de Leonardo Coimbra¹⁰, e “A liberdade e o calendário” e “O exterior da igreja”, de Álvaro Pinto¹¹. Ou mesmo no protesto de Leonardo Coimbra contra a condução de um processo então muito mediático, em Espanha, lavrado no artigo “Por Ferrer e Nakens”¹².

A par deste libertarismo anarquista, temos a **tendência anti-clerical** veiculada por alguns dos principais colaboradores da *Nova Silva* – tendência aliás dominante no escol estudantil da época. É o caso, por exemplo, de Álvaro Pinto, que no texto já citado - “O exterior da igreja”, com desenho expressivo de Virgílio Ferreira -, desfere um violento ataque à “grandiosa hipocrisia” e à “imensa libertinagem que a igreja exterioriza e mostra”, isto é, aos seus símbolos e imagens. Esta reverência ao exterior significaria, para Álvaro Pinto, “o mais extraordinário sintoma da mais vergonhosa subserviência”. E acrescenta: “Saudar uma imagem, saudar uma cruz, saudar um cortejo, porque algum selvagem assim o quer, assim o manda, assim o impõe, excede infinitamente a intransigência das doutrinas e o dogmatismo das convenções religiosas. **A igreja exterior é o supremo arbítrio que cumpre aniquilar de vez**”¹³.

⁸ *Ibidem*, p. 13.

⁹ *Ibidem*, N.º 3 (5 Mar. 1907), p. 12.

¹⁰ *Ibidem*, N.º 1 (2 Fev. 1907), pp. 2-4; N.º 3 (5 Mar. 1907), pp. 2-4.

¹¹ *Ibidem*, N.º 2 (17 Fev. 1907), pp. 4-6; N.º 4 (24 Mar. 1907), pp. 5-6.

¹² *Ibidem*, N.º 4 (24 Mar. 1907), pp. 3-4.

¹³ O sublinhado é nosso.

Nesta linha de pensamento, o clero é a “seita” que tenta iludir o “homem com a sua natural tendência para a luz”. Consequentemente, “o elemento clerical é na sociedade a fidedigna representação de suas descendências inferiores. Acorrentado ao pelourinho dum fé estatuída há milhares de anos, tem-se negado, em minoria por convicções, em maioria por interesses, à influência da evolução. O clero actual é o clero de todos os tempos. (...) A pretexto de adorações e consagrações come e bebe missas. A pretexto de remissões usa e abusa dum dos mais degradantes focos de imoralidade a que chamam confissionários. A pretexto de outras várias consagrações organiza préstitos, *Te-deuns*, responsos, ladainhas, e mil sabujices idênticas. Em todas elas o espírito clerical é o mesmo – o espírito matreiro do lobo entre o rebanho, o espírito endurecido do carrasco espoliando a vítima”. À fé acima referida, Álvaro Pinto contrapõe a fé na “verdade suprema e eterna”, no “racionalismo”, no “amplo seio da vida”, na “luminosidade do espírito”.

Depois da destruição do “negro clericalismo”, da “igreja exterior”, seguir-se-ia a construção dum **“organização nova”**, alicerçada na **“ideia”**, conceito que na altura estava associado à doutrina anarquista. Nos escombros daquela, edificar-se-ia “o casebre do pobre”. As pedrarias, o ouro, e as alfaias do clero iriam “mitigar a fome dos desgraçados. As suas sedas transformar-se-ão no puro linho que cubra a miséria e a desventura. As suas imagens e os seus símbolos irão produzir nos meigos lares da resignação o fogo vivo que acalente os corpos e incendeie as almas”. Até os próprios “ornamentos clericais” tornar-se-ão humanos, “abaterão os seus intuitos perversos e apoiarão com entusiasmo a causa da Revolução”.

A que **público-alvo** se dirigia a *Nova Silva*? **Estamos em crer que ela tinha como principais destinatários os estudantes do Porto, a academia portuense, incluindo mesmo os do liceu.** Desde logo porque se publicou nesta cidade; depois porque os seus directores e principais colaboradores estudavam nesta altura no Porto: Leonardo Coimbra na Academia Politécnica; Jaime Cortesão frequentava a Escola Médico-Cirúrgica – ambos tinham passado primeiro por Coimbra; Cláudio Basto estudava na mesma escola de Cortesão; Álvaro Pinto, depois de fazer o curso dos liceus em Bragança, esteve também na Academia Politécnica e na Escola Médico-Cirúrgica do Porto. Logo, era perfeitamente natural que quisessem partilhar as suas ideias políticas, filosóficas e literárias com os seus colegas de escola; acresce que Jaime Cortesão, Leonardo Coimbra e Álvaro Pinto estavam também por dentro da boémia literária que animava a cidade do Porto, e que era uma potencial *devoradora* da sua *Nova Silva*; finalmente, criar nesta altura uma revista literária anarquista, ou de doutrinação libertária, era uma tentação para uma elite estudantil. Como já se disse, em 1907 o anarquismo, representando sobretudo um ideal filosófico (o seu papel activo nos sindicatos, já com características revolucionárias dominantes, na linha do sindicalismo francês, só emerge a partir de 1909), influenciava claramente uma parte importante da *intelligentsia* estudantil.

Sabemos ainda, através de alguns testemunhos da época, citados por Alfredo Ribeiro dos Santos, na sua obra *A Renascença Portuguesa. Um Movimento Cultural Portuense*, que “o grupo da *Nova Silva* impressionou uma camada

nova, então de alunos do Liceu” (o que corrobora o que acima dissemos), e que se chegou mesmo a criar, não uma *Escola Livre*¹⁴, como anunciou a revista, mas um outro grupo, *Os Amigos do A. B. C.*, “transposição portuguesa de análogo grupo que aparece nos *Miseráveis* de Victor Hugo, originado no *calembourg*: “Les amis de l’Abaissé” (*l’abaissé* era, claro, o povo). Tinha esse grupo a sua sede lá para os altos da Rua da Fábrica e ali se tratava de iniciar operários no conhecimento das primeiras letras e de lhes formar o cérebro na doutrina anarquista”¹⁵. Ribeiro dos Santos acrescenta ainda que “todos colaboram com grande interesse nesse clube político, «que se propunha realizar uma fraterna acção cultural junto das camadas populares». Jaime Cortesão, um dos principais obreiros, recordou muitos anos depois esta sua experiência de pedagogia activa”¹⁶.

COLABORAÇÃO LITERÁRIA E ARTÍSTICA

No que toca à primeira, era assegurada desde logo pelos próprios directores da revista, Leonardo Coimbra, Jaime Cortesão, Álvaro Pinto e Cláudio Basto. Estes foram sem dúvida os principais colaboradores literários da *Nova Silva*. Da pena de **Leonardo Coimbra** saíram, como vimos, alguns dos mais importantes textos teóricos de vulgarização do anarquismo. A sua colaboração compreendeu ainda matéria pedagógica¹⁷ e breves recensões literárias, na secção “Bibliografia”. **Jaime Cortesão** privilegiou a poesia, com “Meu irmão Rouxinol!”¹⁸, uma poesia com sugestões panteístas, “Boa vizinha”¹⁹, “Canção da Carne”²⁰, os sonetos “A Fonte” e “A Borboleta”²¹ e “Olhos nos Olhos”²², no domínio do lirismo amoroso. **Álvaro Pinto** ocupou-se igualmente da vulgarização doutrinária: além dos textos acima citados, merece destaque o artigo “Palinjesia social”²³. Outra das suas preocupações foi a questão do ensino universitário, patente nos textos “A escola Livre”²⁴ e “Traidores e cobardes”²⁵. Deu ainda pequeno contributo nas recensões literárias. **Cláudio Basto** também deixou a sua marca no anti-clericalismo da *Nova Silva*, com “O umbigo dos pais primitivos”²⁶, ajudando ainda na secção “Vária”.

¹⁴ A ideia era fundar uma “escola de educação integral segundo os processos modernos do ensino”, destinada à educação das crianças pobres. Chegou mesmo a constituir-se em Coimbra o *Grupo da Escola Livre*, com o objectivo de realizar esta tarefa. Mas segundo Alfredo Ribeiro dos Santos esta escola “não chegou a ser uma realidade, pela pequena duração do quinzenário”, in “Da *Nova Silva* à *Águia*”, in **A Renascença Portuguesa. Um Movimento Cultural Portuense**, Porto, Fundação Eng. António de Almeida, 1990, p. 61. Na *Nova Silva* é Campos Lima que nos dá conta deste projecto, das “Ideias Gerais” e da “Realização Prática” da Escola Livre, num artigo intitulado “Ensino Integral – Obra de Educação e Solidariedade”, in *Nova Silva*, N.º 3 (5 Mar. 1907), pp. 7-8.

¹⁵ *Op. Cit.*, p. 61

¹⁶ *Ibidem*, p. 61. Ribeiro dos Santos refere-se a Jaime Cortesão, a partir de *Portucale*, Suplemento à 3.ª série, n.º 1, p. 3

¹⁷ É o caso do artigo “Professores”, in *Nova Silva*, N.º 5 (10 Abr. 1907), p. 3.

¹⁸ *Ibidem*, N.º 1 (2 Fev. 1907), pp. 4-5.

¹⁹ *Ibidem*, N.º 2 (17 Fev. 1907), pp. 6-7.

²⁰ *Ibidem*, N.º 3 (5 Mar. 1907), pp. 4-5.

²¹ *Ibidem*, N.º 4 (24 Mar. 1907), p. 7.

²² *Ibidem*, N.º 5 (10 Abr. 1907), pp. 4-5.

²³ *Ibidem*, N.º 1 (2 Fev. 1907), pp. 10-12.

²⁴ *Ibidem*, N.º 3 (5 Mar. 1907), pp. 6-7.

²⁵ *Ibidem*, N.º 5 (10 Abr. 1907), pp. 6-7.

²⁶ *Ibidem*, N.º 1 (2 Fev. 1907), pp. 6-7, 10.

Depois dos directores, que deixaram a colaboração mais relevante, importa salientar a colaboração póstuma de **Eduardo Coimbra**, com soneto inédito, e **António Rodrigues**, também com uma poema inédito; e ainda de **António Ribeiro Seixas**, cunhado de Leonardo Coimbra e aluno da Escola Médico-Cirúrgica do Porto, com poesias de sentidos social, **Campos Lima**, “jornalista, orador e activo obreiro de iniciativas de natureza social”²⁷, igualmente com poemas de sentido social, **Daniel Ferreira da Silva**, também com poemas, **Januário Leite**, com um artigo bastante crítico da Universidade de Coimbra²⁸, **Aristides Gomez**, que dissertou sobre o “Espiritismo”²⁹, e **Gomes Leal**, com a composição poética “A Canalha”³⁰.

Não menos notável foi a **colaboração artística** da *Nova Silva*, que se subintitulava de *revista ilustrada*. **Jaime Cortesão** iniciou nesta revista a expressão do seu talento como ilustrador e desenhador, com retratos de António José de Almeida e de João Chagas, nas capas dos dois primeiros números, e de Camilo (N.º 3), Campos Lima e Antero (N.º 4), Gomes Leal e Victor Hugo (N.º 5). Mas foi **Virgílio Ferreira**, estudante de Medicina, quem ilustrou profusamente a *Nova Silva* com grande originalidade, plasmada nas secções “Tipos das Ruas” (série que chegou a ser usada para fechar as duas primeiras edições), “Tipos dos Cafés” e “Instantâneos”. Nesta, temos caricaturas de Ribeiro Seixas, Jaime Cortesão e António Coimbra. Ilustrou vários textos, usando o *cartoon* político nas páginas centrais, de que são exemplo os desenhos “A Ordem” (N.º 1) e “O Carnaval no Porto” (N.º 2), bem como em algumas das últimas páginas. O seu traço revela claramente a influência de Rafael Bordalo Pinheiro, inscrevendo-se na tradição da velha sátira política de Oitocentos, que conhece nestes anos “um novo impulso criativo”³¹ pelo lápis dos continuadores do mestre, como Silva Monteiro, Francisco Valença, Alonso (Santos Silva), Jorge Colaço, Manuel Monterroso, entre outros, e a que podemos acrescentar agora o de Virgílio Ferreira. Quase nos *antípodas*, no grafismo e no tipo de humor, está **Cristiano de Carvalho** (1874-1940), outro dos colaboradores artísticos desta revista académica. Com um traço que deixa antever um registo neo-realista, ilustrou a capa dos 3 últimos números da *Nova Silva*, abordando temas sociais, em “Novos Tempos” (N.º 3), e políticos, “O Caso Ferrer” e “Militarismo Profissional (a propósito do caso H. Cristo)” (N.º 4 e 5, respectivamente). Foi, sem dúvida, “um desenhador humorista de forte cunho crítico”, que usou a sua arte como uma “arma de denúncia da injustiça social”³², que ia ao encontro da sua postura anarco-sindicalista. Por fim, temos **José de Meira**, com um estilo próximo do modernismo. Ilustrou algumas anedotas, fazendo um bom contraste entre o preto e o branco, com um grafismo mais apurado, e publicou numa das páginas

²⁷ SANTOS, Alfredo Ribeiro dos - “Da *Nova Silva* à *Águia*”, in ***A Renascença Portuguesa. Um Movimento Cultural Portuense*** (...), p. 59.

²⁸ “Nós e a Universidade”, in *Nova Silva*, N.º 4 (24 Mar. 1907), pp. 8-10.

²⁹ *Ibidem*, pp. 10-11.

³⁰ *Ibidem*, N.º 5 (10 Abr. 1907), p. 2.

³¹ Defendemos este novo impulso criativo no estudo “Da Imprensa Humorística na I República...”, que publicámos na revista ***Jornalismo & Jornalistas***, Lisboa, N.º 44 (Out./Dez. 2010), pp. 50-64.

³² “Humoristas”, in ***“O Jogo da Política Moderna!” Desenho Humorístico e Caricatura na I República***. Catálogo da Exposição, Lisboa, CML – DMC – GTCMCR, 2010, p. 13.

centrais do primeiro número “Au Salon Modele”, um *cartoon* que visava abertamente o quotidiano, o “impessoal”, como defendiam os modernistas, num registo irónico, que a crítica dos costumes sociais e a ridicularização dos hábitos das classes médias começava a impor³³.

Depois da experiência da *Nova Silva*, muitos destes jovens, como Jaime Cortesão, Leonardo Coimbra, Álvaro Pinto, Januário Leite, Cristiano de Carvalho, entre outros, a que se juntará Teixeira de Pascoaes, vão participar na criação de uma das revistas culturais mais importantes da primeira metade do século XX, *A Águia* (1910-1932), que será a porta-voz do movimento da Renascença Portuguesa. Pelo que não surpreende, quando folheamos esta *revista ilustrada de literatura e crítica* (do subtítulo), que encontremos lá laivos do anarquismo e do humanismo da *Nova Silva*, designadamente nos números especiais que *A Águia* vai dedicar a Tolstói e a Victor Hugo. Mas isto já é outra história...

Álvaro Costa de Matos

Lisboa, 21 de Dezembro de 2011.

³³ Sobre o contraste entre os *velhos* e os *novos* caricaturistas, sobre as suas diferenças no traço, nos temas tratados e no tipo de humor associado aos seus desenhos, ver, do autor, “Da Imprensa Humorística na I República...”, *Op. Cit.*, concretamente o ponto 5, “A renovação da arte do lápis”, pp. 62-64.